



Crianças em ação: construindo uma metodologia de pesquisa em educação musical

Comunicação

*Fernanda Dias de Moraes Ferreira
Universidade Estadual Paulista
fernanda.dm.ferreira@unesp.br*

*Daisy Fragoso
Universidade Estadual de Maringá
daisyafragoso@gmail.com*

Resumo: Como parte de uma pesquisa de graduação em andamento, este trabalho pretende discutir possibilidades e ferramentas metodológicas de pesquisa com crianças em um contexto de ensino de piano. Para isso, faz-se uma breve discussão sobre pesquisas com participação de crianças. Em seguida, na intenção de escutar as vozes das crianças participantes da referida pesquisa e considerando que os contextos de educação musical e de construção de conhecimento abrangem no mínimo dois sujeitos com potencial de partilhar os processos de ensino e aprendizagem, apresentam-se os instrumentos de pesquisa escolhidos. Estes, porquanto interessados em uma pesquisa centrada nas crianças, amplificam suas vozes e sugerem caminhos para o ensino de piano.

Palavras-chave: Metodologia participativa. Crianças. Ensino de piano.

Introdução

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa de graduação em andamento¹ que pretende investigar como um grupo de crianças, alunos e alunas de piano de uma das autoras desse texto, percebe a prática docente de sua professora e o próprio processo de ensino no qual essas crianças estão envolvidas. Para tal, preocupou-se com que o trabalho fosse construído a partir do uso de ferramentas de pesquisa que valorizassem os pontos de vista das crianças sobre o assunto. Ou seja, a intenção era que fosse uma pesquisa centrada nas crianças, de modo que estas, em vez de objetos de pesquisa, fossem co-pesquisadoras nesse processo. Nesse sentido, as crianças produziram dados junto com sua professora, que agora assumia o papel de professora-pesquisadora.

¹ Pesquisa de conclusão do curso de Licenciatura em Música, ainda em andamento, intitulada “‘Pré, prum, pra’: a narrativa pedagógica do piano pelo olhar das crianças” realizada no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, sob orientação da Prof^a Dra. Daisy Fragoso.



Uma das ferramentas escolhidas para o desenvolvimento do trabalho com as crianças foram os diários onde cada criança participante da pesquisa registrava suas impressões e opiniões sobre a aula, sobre a prática docente e onde registravam também o modo como apreendiam os conteúdos da aula. Entendemos que dessa forma pudemos, não somente acessar os modos como cada criança percebia os processos de ensino e aprendizagem nos quais estavam envolvidas, mas favoreceu sua participação de forma ativa na pesquisa que tratava delas.

Neste trabalho, então, propomos uma breve revisão acerca de alguns apontamentos teóricos que tratam da participação de crianças em pesquisas acadêmicas e de ferramentas possíveis nessa modalidade de pesquisa. Em seguida, apresentamos alguns exemplos de como esses instrumentos foram utilizados na pesquisa em questão e discutimos nossas impressões quanto à participação das crianças na construção dessa pesquisa e, por consequência, do próprio conhecimento de música.

A pesquisa com participação de crianças

Escutar a música da(s) infância(s) é uma reivindicação recente no campo da educação musical no Brasil. Salles (2002), Beineke (2011), Brito (2007, 2019) e Cunha (2020) são alguns exemplos de educadores e educadoras musicais que se dedicam ao estudo e ao trabalho relativos à produção sonora e musical das crianças e à escuta dessas produções. No entanto, a abordagem que propomos neste texto empresta conceitos e pressupostos dos estudos sociais da infância, de modo a sugerir outra escuta: a escuta da infância em contextos de pesquisa em educação musical com participação de crianças.

Escutar a infância, a partir das diversas formas pelas quais ela se manifesta e se expressa (dentre as quais a música, os sons e o silêncio), configurou-se, a partir da década de 1980, foco e reivindicação dos estudos sociais da infância (HONIG, 2011, p. 62). Dos oportunos empréstimos que a educação musical pode fazer desse campo de estudo, o primeiro deles parece ter a ver com o reconhecimento de que as crianças têm voz e que desempenham papel “[...] ativo na construção de suas próprias vidas, na vida dos que as rodeiam e da sociedade onde elas vivem” (JAMES; PROUT, 1990, p. 8, tradução nossa).



Isso quer dizer que “as crianças não são sujeitos passivos das estruturas e processos sociais” (IBIDEM, p. 8); antes, porquanto sujeitos capacitados de agência, constroem conjuntamente a infância e a sociedade, qualificando-se, portanto, como co-construtoras da sociedade (QVORTRUP, 2011, p. 206). Desse modo, reconhecer a capacidade de agência das crianças não é apenas um posicionamento teórico; antes, é uma disposição ou exigência metodológica, pois, conforme Honig (2011, p. 69) argumenta, a questão da infância é uma questão de observabilidade da criança, ou seja, é também uma questão metodológica.

Porém, concordamos com Lange e Mierendorff (2011) quando apontam para o fato de que discutir metodologias de pesquisa realizadas com, entre e sobre crianças não trata somente de técnica, mas relaciona-se muito mais com uma mudança epistemológica no que se refere à condução e interpretação de pesquisas (p. 80). Dessa forma, se consideramos as crianças e a infância sob o ponto de vista da Sociologia da Infância, isto é, se reconhecemos as crianças como agentes sociais; se definimos a infância como um elemento estruturante da sociedade; e se, por isso, dispomo-nos a ouvir e a considerar os pontos de vista e ideias das crianças envolvidas em determinada pesquisa, é possível que tenhamos que encarar alguns desafios.

O primeiro deles a ser destacado aqui são os de ordem ética. Sobre estes, Nunes e Cunha (2018) mencionam o consentimento, assentimento, a autoria e divulgação como problemáticas éticas na condução de pesquisas com crianças (p. 140). As autoras argumentam que, ao pensarmos nas crianças como sujeitos das pesquisas (em vez de objetos de pesquisa), é fundamental que se tenha não somente o consentimento dos responsáveis pela criança, mas que elas mesmas - as crianças - assistam sua participação:

Outra questão relativa à ética na pesquisa com crianças é a da necessidade de seus assentimentos, pois, ao pensarmos nelas como sujeitos das pesquisas ou mesmo como copesquisadoras, é fundamental ter delas essa aprovação. A ideia de que basta ter o consentimento dos pais e da direção das instituições para realizar pesquisa com crianças talvez desconheça que na legislação sobre ética em pesquisas com seres humanos no Brasil (Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016), apesar de as crianças ainda serem vistas como vulneráveis, esta prevê o assentimento esclarecido delas, termo no qual exprimem sua aceitação ou recusa em participar das pesquisas. Este é fator primordial em pesquisas dessa natureza, pois não basta apenas o consentimento dos pais, porque as crianças são capazes de responder por elas mesmas (NUNES; CUNHA, 2018, p. 140).



Por essa razão, cuidou-se, durante a pesquisa que dá origem a este texto, para que as crianças participantes fossem consultadas quanto à sua participação no trabalho. A elas foi explicado de que se tratava a pesquisa, o que se pretendia, os caminhos que seriam percorridos; a elas foi perguntado se aceitavam participar, se desejam que fossem utilizados seus nomes reais ou se fictícios. Assim, em consonância com a Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989), a abordagem metodológica no que se refere ao desenvolvimento dessa pesquisa que pretendia contar com a participação de crianças reconhecia a capacidade de a criança de formular seus próprios juízos, bem como o direito de expressar suas opiniões livremente sobre todos os assuntos relacionados à ela mesma e à pesquisa de que participavam.

Sobre isso, Alderson (2005) defende que o envolvimento de forma direta e ativa nas pesquisas

[...] pode resgatá-las do silêncio e da exclusão, e do fato de serem representadas, implicitamente, como objetos passivos, ao mesmo tempo em que o respeito por seu consentimento informado e voluntário ajuda a protegê-las de pesquisas encobertas, invasivas, exploradoras ou abusivas. Este último ponto é importante, pois um dos maiores obstáculos, ao se fazer pesquisas com crianças, é infantilizá-las, percebê-las e tratá-las como imaturas e, com isso, produzir provas que apenas reforçam as idéias sobre sua incompetência. Isso pode incluir “falar com condescendência”, usar palavras e conceitos simples demais, restringi-las a dar apenas respostas superficiais, e envolver apenas crianças inexperientes e não as que têm experiências relevantes intensas e poderiam dar respostas muito mais informadas (ALDERSON, 2005, p. 423).

Reconhecer que as crianças podem contribuir com a pesquisa a que lhes diz respeito revela ainda outros desafios, agora teóricos. O principal deles, conforme esclarecem Nunes e Cunha (2018, p. 141), refere-se à posição de poder do adulto implicada nas relações com as crianças. Além disso, verificam-se aí posturas adultocêntricas, em que somente os modos de ser e existir no mundo de pessoas adultas são considerados corretos e desejáveis, invalidando aqueles das crianças (FRIEDMANN, 2020, p. 41-43).

Tais esquemas de poder acabam se revelando também na forma como são conduzidas pesquisas que contam com a participação de crianças (NUNES; CUNHA, 2018) e traduzem-se, por vezes, na desconfiança do adulto pesquisador - e mesmo da comunidade



acadêmica - quanto à validade das informações, experiências, opiniões e dados trazidos e produzidos pelas crianças. Fragoso (2015), em pesquisa realizada com um grupo de crianças indígenas Guarani Mbya e outro formado por crianças não indígenas de um coro infantil, ao narrar o trabalho realizado com esses dois grupos infantis, convida as/os pesquisadoras/es adultos a “acreditar na genuinidade dos atos e palavras das crianças” (FRAGOSO, 2015, p. 97). Para a autora, esse é o primeiro passo a ser dado para a construção de uma pesquisa com e sobre crianças. Além disso, ela frisa, “[...] o interesse do adulto em relação ao que dizem e ao que fazem deve ser igualmente genuíno, pois as crianças percebem quando este acredita nelas, quando ele as empodera” (IBIDEM, p. 97).

Isso, por sua vez, pressupõe tomar um caminho que reaja à assimetria tácita na relação entre adultos e crianças, assimetria esta fundada na equivocada lógica que coloca as crianças sempre em suposto déficit em relação aos adultos. Sarmiento (2003), por exemplo, chama a atenção para tal equívoco que supõe e estabelece que as crianças, na relação com os adultos, estão em déficit quanto ao pensamento objetivo, quanto à linguagem, quanto à capacidade de comunicação. Em constante exercício reflexivo, parece necessário que o/a pesquisador/a adulto/a, em vez de desconfiado/a dos posicionamentos e contribuições das crianças, esteja, antes, o tempo todo desconfiado/a de si, do papel que ele/a ocupa na relação estabelecida com as crianças com quem se trabalha, e da maneira como ele/a enxerga as crianças. O passo seguinte consistirá, então, à escuta sensível das crianças no que se refere ao seu desenvolvimento e às suas contribuições, de modo a buscar, encontrar, (re)inventar “[...] métodos que potencializem sua habilidade de falar sobre questões que as preocupam da maneira que seja mais confortável para elas” (HART, 1992, p. 15, tradução nossa). Isso, por conseguinte, leva-nos ao terceiro desafio: escolher e avaliar as ferramentas possíveis na construção de uma pesquisa com participação de crianças.

Algumas ferramentas para pesquisa com participação de crianças

Na tentativa de ouvir o que as crianças tinham a dizer sobre suas aulas de piano e sobre a prática docente de sua professora (que é uma das autoras deste trabalho), foram mobilizadas algumas ferramentas de pesquisa. As questões que orientaram a escolha desses instrumentos foram: de quais ferramentas podemos nos valer na construção de uma



pesquisa realizada junto com crianças ou sobre as crianças? Como trabalhar com as crianças de modo que sejam participantes da pesquisa em vez de objetos de pesquisa? Como ouvir as crianças sobre esse assunto?

Alguns pesquisadores e pesquisadoras têm se dedicado à discussão sobre ferramentas metodológicas no desenvolvimento de pesquisas com, entre e sobre crianças. Corsaro (2018, p. 47), por exemplo, escreve que não há necessidade de criar novos métodos para o desenvolvimento de pesquisas com crianças que sejam diferentes dos métodos utilizados em pesquisas feitas com e entre pessoas adultas. Em vez disso, o que pesquisadores dessa área têm feito, o autor explica, é sustentado uma

[...] a ideia de que os métodos para estudar qualquer grupo deve incluir uma rigorosa aplicação de técnicas adaptadas ao respectivo grupo, com atenção especial aos grupos com particularidades e necessidades específicas [...]. Portanto, em vez de estudar os adultos como representantes das crianças (por exemplo, confiando nas percepções e relatórios sobre crianças dos pais e mães, professores ou médicos), pesquisadores compreendem as crianças como atores sociais de direito e adaptar e refinar os métodos que melhor se encaixam em suas vidas. (CORSARO, 2018, p. 47 e 48)

Considerando os objetivos da pesquisa em questão, optou-se pela utilização de algumas ferramentas às quais Corsaro (2018) classifica, dentro da abordagem qualitativa, como não-tradicionais. De acordo com o pesquisador, ferramentas de pesquisa como entrevistas, grupos focais, etnografia etc. são possibilidades viáveis no trabalho de pesquisa com participação de crianças (p. 52-58). Porém, baseando-se em Williams e Bendelow (1998), ele argumenta que, embora seja possível produzir dados valiosos a partir desses instrumentos, “há a necessidade nas pesquisas sobre infância de desenvolver e praticar métodos novos e centrados na criança a fim de encorajá-las a apresentar suas próprias imagens e representações de suas vidas” (CORSARO, 2018, p. 58).

Uma das possibilidades discutidas trata do uso de desenhos como meio pelo qual se pode compreender o ponto de vista das crianças sobre determinado assunto. Por meio do desenho, explica Corsaro, as crianças podem expressar o que entendem sobre assuntos que seriam difíceis de serem verbalmente explicados aos adultos (IBIDEM, p. 58). Por essa razão, consideramos coerente seguir com um trabalho em que as crianças pudessem expressar suas



opiniões, pontos de vista e impressões sobre as aulas de piano em diários, conforme será apresentado adiante.

Além disso, entendemos que, na medida em que consideramos as crianças como participantes ativas e sujeitos que colaboram produzindo dados para a pesquisa a que lhes diz respeito, o papel que acaba, por consequência, sendo atribuído a elas é o de co-pesquisadoras. Alderson (2005, p. 420) explica que nas pesquisas realizadas com adultos já é amplamente reconhecida a ideia de que estes, antes de “pesquisados”, são vistas como co-pesquisadores ou co-produtores dos dados. Seguindo essa lógica, o que a autora propõe em seguida é que, assim como os adultos, as crianças participantes de trabalhos de pesquisa sejam igualmente vistas como interlocutoras, co-pesquisadoras, produzindo e analisando dados.

A construção do conhecimento no ensino de piano: elaborando uma metodologia de pesquisa

De caráter qualitativo, a pesquisa que dá origem a este texto buscou uma aproximação entre a pesquisadora e seus interlocutores, os quais eram crianças com idades entre 5 e 7 anos de idade. A intenção era, mesmo com crianças, proporcionar

[...] um conhecimento que ajude o outro a se fortalecer como sujeito autônomo capaz de elaborar seu próprio projeto político. A autonomia dos sujeitos pressupõe precisamente a liberdade no uso da razão. Não cabe ao cientista reforçar ideologias existentes, mas fornecer instrumentos para desvendá-las e superá-las (MARTINS, 2004, p. 296).

Nesse sentido, buscou-se, amparando-se em Cohn (2005), que o trabalho fosse marcado por um caráter dialógico e interativo a fim de que as crianças fossem ouvidas sobre o que pensam acerca do mundo que as rodeia. Ou seja, o olhar a ser conduzido pela professora-pesquisadora perante a pesquisa tentou captar detalhes e observações minuciosas sobre sua própria prática docente e sobre o desenvolvimento das crianças na aprendizagem do piano. Além disso, esperava-se que as crianças se envolvessem ativamente em cada processo, atuando como co-pesquisadoras. Assim, a aposta era que produzir e analisar dados junto à pesquisadora tornasse a aprendizagem do instrumento e o processo de pesquisa mais significativo e coerente:



As crianças que trabalham como pesquisadores usam vários métodos, sozinhas ou em grupos, com ou sem adultos. Elas selecionam assuntos de pesquisa, questões e métodos gerais, decidem questões de pesquisa de campo específicas ou assuntos de entrevista, e selecionam os informadores e os locais de observação. Algumas fazem pesquisas-piloto e revisam seus planos, e planejam a coleta, o cotejamento e a análise dos dados (ALDERSON, 2005, p. 430).

Dialogar com as crianças em contextos de educação musical pode trazer diversas observações e inquietações. Foi por meio dessa percepção que surgiu o desejo de pesquisar e analisar os processos de ensino e aprendizagem de piano para crianças. Como já mencionado, este artigo aborda um trabalho de graduação em andamento, o qual tem contado com o envolvimento das próprias crianças participantes da pesquisa bem como com suas produções.

O recorte pretendido aqui diz respeito à construção metodológica da pesquisa referida. A partir de leituras sobre a participação de crianças em pesquisas, viu-se necessário contar com o consentimento dos pais, mas não somente; o assentimento das crianças que participariam do trabalho também era essencial. Conforme discutido, era de extrema relevância que os alunos e alunas envolvidos na pesquisa compreendessem de que se tratava o trabalho, pois assim poderiam opinar se, de fato, estavam disponíveis e se gostariam de participar dessa empreitada.

Essa decisão foi tomada a partir do que Alderson (2005, p. 424) escreve sobre a necessidade de reconhecer a criança como sujeito de pesquisa e não como objeto dela, validando seus pontos de vista e trazendo visibilidade para suas produções. A mesma autora também diz que abrir espaço para que as crianças opinem pode resgatá-las do silêncio que geralmente lhes é imposto, da exclusão e de pesquisas invasivas, exploradoras ou abusivas. Dessa forma, somente o consentimento dos pais invalida todo o poder de argumentação da criança. Sendo assim, escutá-las e envolvê-las verdadeiramente em todo o processo da pesquisa pareceu extremamente necessário para construir uma investigação genuína e respeitosa e com dados relevantes para a discussão do ensino de piano.

O trabalho se fundamentou na elaboração de um diário de campo no qual as crianças registravam as impressões sobre as aulas de piano que tinham. Essas impressões poderiam ser sobre a prática docente ou sobre os conteúdos abordados nas aulas. Todos os



alunos participantes concordaram em fazer os registros em formato de diário e demonstraram o desejo de serem utilizados seus nomes na pesquisa.

Participaram da pesquisa seis crianças: Alicia, 5 anos; Estela, 6 anos; Analu, 6 anos; Lorenzo, 7 anos; Marco, 8 anos; e Pedro, 7 anos. Essas crianças eram alunas e alunos de piano de uma das autoras deste artigo, e alguns dos critérios para a escolha dos alunos/as que participariam da pesquisa consistiram na idade das crianças e na percepção da professora quanto à proximidade delas e de suas famílias com ela.

Figura 1. Imagem da capa do diário do Pedro em que, entre desenhos de estrelas e corações, ele escreve “Diário do Beethoven Pedro”.



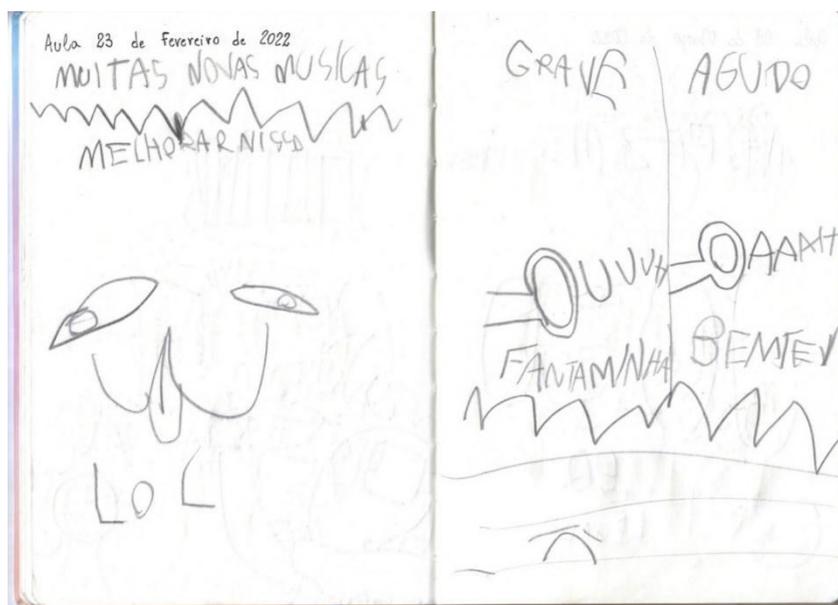
Fonte: Acervo pessoal

A princípio, as crianças questionaram o modo como os registros seriam realizados, sem entenderem ao certo quais seriam os critérios para as anotações no diário. Foi explicado a elas que o lado esquerdo do diário estaria destinado às impressões pessoais de cada aluno sobre a aula daquele dia; já o lado direito abrangeeria o conteúdo trabalhado em sala de aula.



No exemplo abaixo (Fig. 2), Marco escreve na página à esquerda “muitas novas músicas”, indicando que gostou, naquela aula, de aprender músicas novas. Embaixo, ao escrever “melhorar nisso”, sugere-nos que percebe que precisava melhorar na aprendizagem dessas novas músicas. Na página à direita da mesma figura, ele registra em onomatopeias os sons grave (“uuuh”) e agudo (“aaah”), atribuindo o primeiro som ao “fantasmilha” e o segundo ao bem-te-vi.

Figura 2. Imagem de uma das páginas do diário das crianças. Registro do Marco.



Fonte: Acervo pessoal

Essa organização no diário tinha o objetivo de fornecer dois tipos de dados: sobre a prática docente da professora (página esquerda do diário) e sobre o processo de construção do conhecimento e apreensão dos conteúdos por parte das alunas e dos alunos. Assim, o fato de Marco escrever, por exemplo, que gostou de aprender novas músicas, mas que precisa melhorar nelas pode sugerir rotas de trabalho para a professora, no sentido de ampliar o repertório e, ao mesmo tempo, elaborar meios de aprendizagem mais orgânicos dessas músicas. Já a página à direita coincide com os estudos sobre a gênese da notação musical na criança desenvolvidos por Salles (1996), mais especificamente sobre o registro das alturas que, em geral, inclui uso de onomatopeias tanto para a representação de graves e agudos como para os timbres (SALLES, 1996, p. 163) (Fig. 2); e sobre o fato de as crianças



desenharem a fonte sonora quando lhes é pedido para registrarem determinado som (ibidem) (Fig. 3).

Figura 3. Imagem de uma das páginas do diário das crianças. Nesse registro, Alicia desenha, à esquerda uma torneira que, com a água, arrasta uma tampinha de forma bem suave, o que indica, para ela, um som fraco. À direita, para registrar o som forte, ela desenha a torneira da pia da cozinha fazendo bater uma garrafa que está dentro da pia.



Fonte: Acervo pessoal

Com o decorrer das aulas, fomos aprofundando e o lado esquerdo, por exemplo, passou a abranger observações, sugestões e reflexões sobre a aula. A imagem seguinte (Fig. 4) mostra o descontentamento da Estela por não ter realizado nenhum jogo naquele dia (“melhorar: mais jogo no fim [porque piano cansa a mão e precisa de jogo]”); e ao lado direito, Estela registra suas reflexões sobre a intensidade (propriedade do som), já que foi um conteúdo visto naquele dia. No registro, ela faz um boneco grande para representar o som forte e um pequeno para o som fraco (Fig. 4).



Figura 4. Imagem de uma das páginas do diário das crianças. Registro da Estela.



Fonte: Acervo pessoal

Vale ressaltar que inserir o diário como ferramenta dessa pesquisa possibilitou maior envolvimento por parte das crianças com a forma de construírem seus pensamentos, influenciando positivamente a aprendizagem do instrumento. A primeira intenção quanto ao seu uso foi a de ter um registro para análise dos dados produzidos pelas crianças. Mas, surpreendentemente, ele acabou se tornando material de aula significativo principalmente para as crianças, que o inseriram no cronograma de aula. De forma espontânea, as crianças foram se apropriando dessa ferramenta, enriquecendo as aulas e a produção de dados para a pesquisa:

Várias são as vantagens do uso dos diários apontadas na literatura. Um dos pontos principais constitui-se no fato de que eles permitem a investigação de processos mentais em detalhe, à medida que se desenvolvem. [...] Os diários servem, ainda, para incrementar a reflexão propriamente dita. (ZACCARELLI, 2010, p. 554).

Do ponto de vista pedagógico-musical, essa ferramenta favoreceu o envolvimento das crianças em seu próprio processo de aprendizagem, atribuindo a ele significado. Ou seja, o uso dos diários permitiu que não somente a professora, mas também a criança estabelecesse relação ativa na construção do conhecimento, de modo que tanto professora quanto alunas e alunos pudessem refletir e dialogar sobre seu próprio processo de ensino e aprendizagem, analisando-o.



Figura 5. Imagem de uma das páginas do diário das crianças. Nesse registro, Alicia registra a forma visual do que ela entendeu como textura. Ao lado direito, ela indica, com bolinhas amarelas adesivas os sons aleatórios, espalhando-as aleatoriamente. À direita, Alicia cola as bolinhas uma ao lado da outra, representando a textura de uma balsa.

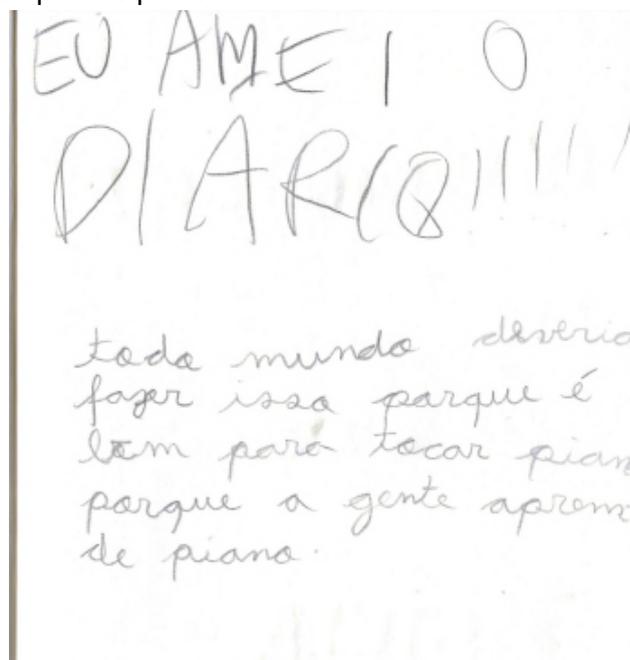


Fonte: Acervo pessoal

Na intenção de que o envolvimento da criança no trabalho de pesquisa e nas aulas fosse o maior possível, preocupou-se em oferecer aos alunos e alunas participantes um ambiente instigante, confortável e prazeroso. Criar espaços de pesquisa onde suas vozes ecoassem possibilitou, nesse contexto, uma relação mais autônoma com o conhecimento, assim como mais humanizado.



Figura 6. Imagem de uma das páginas do diário das crianças, na qual Marco escreve “Eu amei o diário!!!! Todo mundo deveria fazer isso, porque é bom para tocar piano, porque a gente aprende piano.”



Fonte: Acervo pessoal

Considerações finais

Desde as primeiras impressões em nossa prática docente percebemos e encontramos desafios a serem superados. Por isso, ao entrar em contato com as crianças e suas infinitas potencialidades, podemos ampliar o olhar pedagógico para além de métodos, técnicas, padrões, buscando ouvi-las e compreendê-las. Ampliar nossa escuta na intenção de ouvir as crianças e deixar que expressem suas inquietações e pontos de vista, seja por meio de palavras, da música, de desenhos ou qualquer outra ferramenta, pode contribuir na construção de rotas em educação musical.

Por essa razão, a utilização de ferramentas metodológicas de pesquisa – e de ensino –, neste caso, pareceu tonificar a aprendizagem, tornando-a significativa e aumentando o desejo pelo conhecimento musical. Sendo assim, a elaboração de diários foi conveniente meio pelo qual foi possível captar, ouvir e compreender como as crianças participantes da pesquisa compreendiam a prática docente e os conteúdos referentes ao ensino do piano. Para além disso, observamos que o diário permitiu também que as crianças expressassem de forma mais efetiva suas indagações acerca do assunto e trouxessem sugestões ou aflições.



Com o decorrer das aulas e o andamento da pesquisa, o que se observou foi que a utilização de ferramentas que possibilitem ações pedagógicas ou de pesquisa centradas na criança podem lançar luz sobre questões muito valiosas aos professores no que diz respeito a prática docente em música.

Referências

ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-442, mai./ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/LsqQGyMFBxPLs9J7n76mqZH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 04 ago. 2022.

BEINEKE, Viviane. Aprendizagem criativa na escola: um olhar para a perspectiva das crianças sobre suas práticas musicais. *Revista da Abem*, v. 19, n. 26, p. 92-104, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/177/112>. Acesso em: 10 ago. 2022.

BRITO, Maria T. A. *Por uma educação musical do pensamento: novas estratégias de comunicação*. Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. *Um jogo chamado música: escuta, experiência, criação, educação*. São Paulo: Peirópolis, 2019.

COHN, C. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CORSARO, William A. *The sociology of childhood*. 5ª. ed. Los Angeles: SAGE, 2018.

CUNHA, Sandra M. da. Crianças e música: educação musical e estudos da infância em diálogo. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 1-20, mai. 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1984-59872020000100306&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 04 ago. 2022.

FRAGOSO, Daisy. *Entre a ope e a sala de música: arranjos entre crianças guarani Mbya e crianças não indígenas*. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

FRIEDMANN, Adriana. *A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias*. São Paulo: Panda Books, 2020.



HART, Roger A. *Children's Participation: From tokenism to citizenship*. Florence: UNICEF ICDC, 1992.

HONIG, Michael-Sebastian. How is the child constituted in childhood studies? In: QVORTRUP, Jens; CORSARO, William A.; HONIG, Michael-Sebastian (ed.). *The Palgrave handbook of childhood studies*. New York: Palgrave Macmillan, 2011, p. 62-77.

JAMES, A.; PROUT, A. (ed.). *Constructing and reconstructing childhood: contemporary issues in the sociological study of childhood*. London, New York: Falmer Press, 1990.

LANGE, Andreas; MIERENDORFF, Johanna. Method and methodology in childhood research. In: QVORTRUP, Jens; CORSARO, William A.; HONIG, Michael-Sebastian (ed.). *The Palgrave handbook of childhood studies*. New York: Palgrave Macmillan, 2011, p. 78-96.

MARTINS, H. Metodologia Qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, mai./ago. 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27936>>. Acesso em: 04 ago. 2022.

NUNES, Míghian Danae Ferreira; CUNHA, Sandra Mara da. Etnografia e outras metodologias de pesquisa participativa com crianças: considerações a partir de um jogo de cartas. *Cadernos Cenpec*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 134-152, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/444>>. Acesso em: 04 ago. 2022.

QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre a infância. Maria Letícia do Nascimento (Trad.). *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 1 (64), p. 199-211, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/dLsbP94Nh7DJgfdxbXkxYCs/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 10 ago. 2022.

SALLES, Pedro P. A reinvenção da música pela criança: implicações pedagógicas da criação musical. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

_____. Gênese da notação musical na criança: os signos gráficos e os parâmetros do som. *Revista Música*, v. 7, n. 1-2, p. 149-183, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/59969/0>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

SARMENTO, Manuel J. J. *Imaginário e culturas da infância*. Braga, Portugal, Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 2003. Disponível em: http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2022.

UNITED NATIONS. *Convention on the Rights of the Child*. Genebra: ONU, 1989.



abem

Associação Brasileira
de Educação Musical



WILLIAMS, S; BENDELOW, G. Malignant bodies: children's beliefs about health, cancer and risk. In: NETTLETON, S; WATSON, J. (Eds.). *The body in everyday life*. London: Routledge, 1998, p. 103-123.

ZACCARELLI, L. Perspectivas do uso dos diários nas pesquisas em organizações. *Cadernos Ebape*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 550-563, set. 2010.

<<https://www.scielo.br/j/cebape/a/8TrxjrCgqJPVrcXwVwNs38d/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 10 ago. 2022.